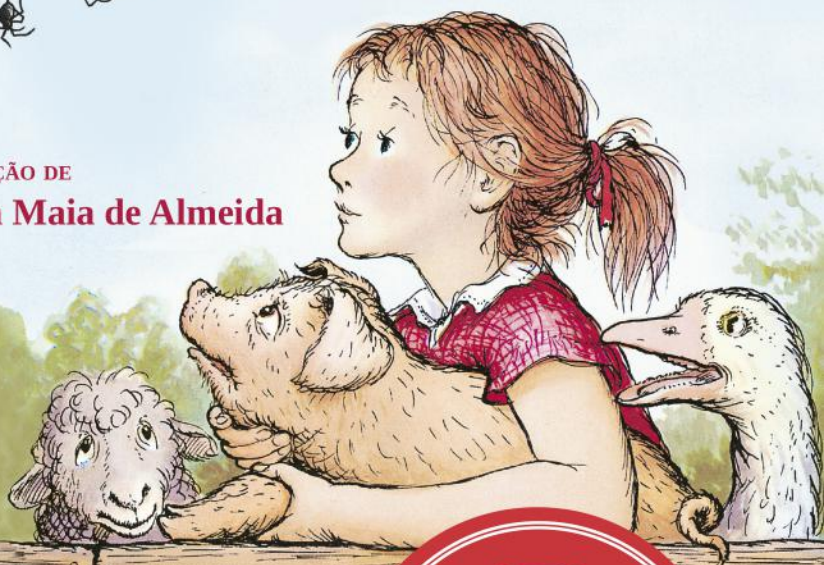


E. B. WHITE

A Teia de Carlota

TRADUÇÃO DE
Carla Maia de Almeida



UM DOS
100
MELHORES
LIVROS
DE SEMPRE

revista TIME

booksmile

Índice

I	<i>Antes do pequeno-almoço</i>	5
II	<i>Abílio</i>	11
III	<i>Fuga</i>	17
IV	<i>Solidão</i>	29
V	<i>Carlota</i>	37
VI	<i>Dias de verão</i>	47
VII	<i>Más notícias</i>	53
VIII	<i>Uma conversa em casa</i>	57
IX	<i>A proeza de Abílio</i>	61
X	<i>Uma explosão</i>	73
XI	<i>O milagre</i>	83
XII	<i>Uma reunião</i>	91
XIII	<i>Bons progressos</i>	97
XIV	<i>Dr. Dário</i>	109
XV	<i>Os grilos</i>	117
XVI	<i>Para a Feira</i>	123
XVII	<i>Tio</i>	135
XVIII	<i>A frescura do entardecer</i>	143
XIX	<i>O saco de ovos</i>	149
XX	<i>O momento do triunfo</i>	161
XXI	<i>O último dia</i>	169
XXII	<i>Um vento morno</i>	179

I Antes do pequeno-almoço

— *A* onde vai o papá com aquele machado?
— perguntou Flor, enquanto preparava a mesa do pequeno-almoço, junto com a mãe.

— Vai ao chiqueiro — respondeu a Sra. Avelar. — Nasceram porquinhos, a noite passada.

— E o machado é para quê? — continuou Flor, que tinha só oito anos. — Não estou a perceber...

— Bem, um dos porquinhos é demasiado fraco — disse a mãe. — É muito pequeno e enfezado, nunca vai crescer o suficiente. Por isso o teu pai decidiu livrar-se dele.

— Livrar-se dele? — arrepiou-se Flor. — Queres dizer... *matá-lo*? Só porque é mais pequeno do que os outros?

A Sra. Avelar pôs um jarro de natas em cima da mesa.

— Não grites, Flor! O teu pai tem razão. De qualquer forma, o porco acabaria por morrer.

Flor tirou a cadeira da frente e saiu de casa a correr. A relva estava molhada e a terra cheirava a primavera. Quando alcançou o pai, tinha as sapatilhas ensopadas.



— Por favor, não o mates! — soluçou. — Não é justo!
O Sr. Avelar parou a meio do caminho e disse calma-
mente:

— Flor, tens de aprender a controlar-te.

— Controlar-me? — gritou Flor. — Esta é uma questão
de vida ou morte, e tu pedes-me para eu me *controlar*?

As lágrimas corriam-lhe pela cara enquanto segurava o
machado e tentava arrancá-lo das mãos do pai.

— Flor, eu sei mais do que tu sobre como criar uma
 ninhada de porcos. Os fracos trazem problemas. Agora
vai-te embora!

— Mas não é justo! — reclamou Flor. — O porquinho
 não teve culpa de nascer pequeno. Se eu tivesse nascido
 muito pequena, tinhas-me matado?

O Sr. Avelar sorriu e inclinou-se para a filha, olhando-a
 com amor.

— Claro que não — respondeu. — Mas isto é diferente. Uma menina pequena é uma coisa, um porco pequeno e fraco é outra.

— Não percebo a diferença — replicou Flor, ainda a segurar o machado. — Esta é a maior injustiça que já vi.

Havia uma expressão invulgar no rosto de João Avelar. Também ele parecia estar prestes a chorar.

— Muito bem — afirmou. — Vais voltar para casa e eu levo-te o porquinho. Começas por alimentá-lo com um biberão, como um bebé. Depois vais ver o trabalho que dá.

Meia hora depois, quando o Sr. Avelar regressou a casa, levava uma caixa de cartão debaixo do braço. Flor encontrava-se no andar de cima a trocar de sapatilhas. A mesa da cozinha estava posta para o pequeno-almoço. Cheirava a café, a bacon frito e a lenha a arder no fogão.

— Põe o porco em cima da cadeira dela! — disse a Sra. Avelar.

O Sr. Avelar pousou a caixa no lugar de Flor, a seguir lavou as mãos na torneira e secou-as num pano.

Flor desceu devagar as escadas. Tinha os olhos vermelhos de tanto chorar. Ao aproximar-se da cadeira, o cartão mexeu-se e ouviu-se o som de algo a arranhar. Flor olhou para o pai. Depois levantou a tampa da caixa. Lá dentro estava o porquinho recém-nascido, a olhar para ela. Era todo branco. A luz da manhã refletia-se nas orelhas, dando-lhes um tom cor-de-rosa.

— É teu — disse o Sr. Avelar. — Salvo de uma morte prematura. Que Deus me perdoe este disparate.

Flor não conseguia tirar os olhos do porquinho.

— Oh... — murmurou. — Olhem para ele. É absolutamente perfeito.

Com cuidado, tapou a caixa de cartão. Primeiro deu um beijo ao pai, depois à mãe. A seguir, abriu novamente a caixa, tirou de lá o porquinho e apertou-o junto ao peito.

Foi então que chegou André, o irmão mais velho de Flor. Tinha dez anos. Vinha armado até aos dentes, com uma espingarda de pressão de ar numa das mãos e um punhal de madeira na outra.

— O que é isso? — perguntou ele. — O que é que a Flor tem aí?

— Tem um convidado para o pequeno-almoço — respondeu a Sra. Avelar. — Vai lavar a cara e as mãos, André.

— Deixa ver! — disse o rapaz, pousando a espingarda. — Chamas porco a essa coisa ridícula? Que belo exemplar de porco! Não é maior do que um rato branco!



— Lava-te e toma o pequeno-almoço, André! — ordenou a mãe. — O autocarro da escola está aí dentro de meia hora.

— Papá, também posso ter um porquinho?

— Não, eu só distribuo porquinhos pelos madrugadores — respondeu o Sr. Avelar. — De manhã cedo, a Flor já estava de pé, tentando livrar o mundo da injustiça. Graças a isso, ganhou um porco. Bastante pequeno, é um facto, mas não deixa de ser um porco. Isto só mostra o que pode acontecer quando uma pessoa se levanta a horas. Vamos comer!

Mas, até que o seu porquinho bebesse um gole de leite, Flor era incapaz de comer. A Sra. Avelar encontrou um biberão, encheu-o de leite morno e entregou-o à filha.

— Vá, dá-lhe o pequeno-almoço!



Um minuto depois, Flor já estava sentada de pernas cruzadas num canto da cozinha, segurando o seu bebé e ensinando-o a mamar. O porquinho, apesar de pequeno, tinha bom apetite e aprendeu depressa.

Lá fora, ouviu-se a buzina do autocarro escolar.

— Corram! — mandou a Sra. Avelar, retirando o porquinho a Flor e passando-lhe um dónute para as mãos. André pegou na espingarda e tirou outro dónute.

As crianças correram e subiram os degraus do autocarro. Flor sentou-se e não reparou em mais ninguém. Ficou só a olhar pela janela, a pensar nas bênçãos do mundo e na sorte que tinha por tomar conta de um porquinho. Quando o autocarro chegou à escola, já tinha dado um nome ao seu animal de estimação, o mais bonito que conseguiu encontrar.

— Vai chamar-se Abílio — disse para si própria.

Ainda estava a pensar no porquinho quando a professora lhe perguntou:

— Flor, qual é a capital da Pensilvânia?

— Abílio — respondeu, distraída.

Os colegas desataram a rir-se e ela corou.

II *Abílio*

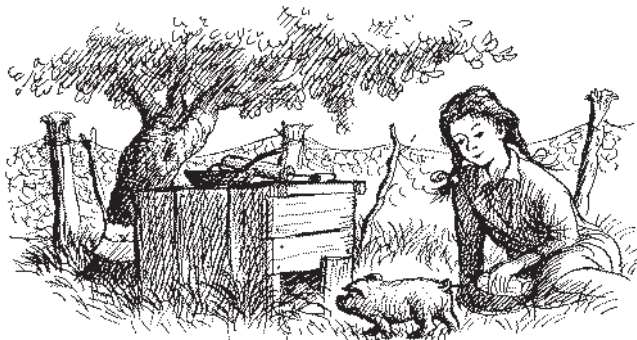
Não havia nada nem ninguém que Flor mais adorasse do que Abílio. Adorava fazer-lhe festas, alimentá-lo e adormecê-lo. Todas as manhãs, mal se levantava, aquecia-lhe o leite, punha-lhe o babeto e dava-lhe o biberão. Todas as tardes, assim que voltava para casa, Flor saltava do autocarro e corria para a cozinha, a fim de lhe preparar outro biberão. À hora de jantar e antes de dormir, a mesma coisa. Por volta do meio-dia, quando ainda estava nas aulas, era a Sra. Avelar quem lhe dava de comer. Abílio adorava leite. O cúmulo da felicidade era quando Flor lhe aquecia o biberão e ele ficava parado a contemplá-la com os olhos cheios de admiração.

Nos primeiros dias de vida, Abílio pôde permanecer na cozinha, numa caixa junto do fogão. Depois, quando a Sra. Avelar se queixou, mudaram-no para uma caixa maior, no barracão da lenha. Quando completou duas semanas, passou a viver ao ar livre. Era primavera e os dias estavam a ficar mais quentes. O Sr. Avelar construiu uma vedação, debaixo de uma macieira, e também uma casota

de madeira, cheia de palha, com uma abertura por onde ele poderia entrar e sair sempre que lhe apetecesse.

— Não vai ter frio durante a noite? — perguntou Flor.

— Não — sossegou o pai. — Repara no que ele faz.



Flor passou pela vedação e sentou-se debaixo da macieira, com um biberão de leite. Abílio correu para ela e mamou do biberão até à última gota. Depois deu um grunhido e foi para a casota, sonolento. Flor espreitou pela porta. Abílio estava a empurrar a palha com o focinho. Num instante, tinha aberto um túnel e entrara lá para dentro, ficando completamente tapado. Flor ficou deliciada. Perceber que o seu bebé iria dormir quente e aconchegado deixou-a tranquila.

Todas as manhãs, depois do pequeno-almoço, Abílio saía com Flor e esperava que chegasse o autocarro escolar. Ela despedia-se e ele ficava a olhar até que o autocarro

desse a volta à esquina e desaparecesse. Enquanto Flor estava na escola, Abílio permanecia fechado na vedação. Mas, assim que ela voltava, à tarde, ia buscá-lo para darem um passeio. Se ela ia para casa, Abílio seguia-a. Se subia as escadas, Abílio esperava no patamar até que descesse. Se levava a boneca para dar um passeio de carrinho, ele ia atrás. Quando ficava cansado, Flor deitava-o no carrinho, ao lado da boneca. Ele adorava. Se ficasse *muito* cansado, deixava-se adormecer, tapado pelo cobertor da boneca. Abílio tinha as pestanas compridas e, quando fechava os olhos, ficava com um ar mesmo amoroso. A boneca também fechava os olhos e Flor empurrava o carrinho docemente, para não acordar os seus bebés.



Numa tarde de calor, Flor e André vestiram os fatos de banho e foram dar um mergulho no riacho. Abílio seguiu atrás de Flor, mesmo quando ela entrou na água. Mas estava demasiado fria para o seu gosto. Por isso, enquanto os dois irmãos nadavam, brincavam e atiravam água um ao outro, Abílio entreteve-se nas margens lamacentas do riacho, onde estava morno, húmido e deliciosamente mole e pegajoso.

Os dias eram felizes e as noites, tranquilas.

Abílio era o que os agricultores designavam «porco da primavera», o que queria dizer que tinha nascido nessa altura. Quando fez cinco semanas, o Sr. Avelar declarou que ele já tinha crescido o suficiente e que estava pronto para ser vendido. Flor chorou, completamente arrasada. Mas o pai estava determinado. O apetite de Abílio tinha aumentado e agora já comia restos de comida, juntamente com o leite. O Sr. Avelar tinha vendido os dez irmãos e irmãs dele e não estava disposto a continuar a alimentá-lo.

— Ele tem de se ir embora, Flor — disse o pai. — Divertiste-te a brincar às mamãs, mas o Abílio já não é um bebé e tem de ser vendido.

— Telefona aos Zacarias, Flor — sugeriu a Sra. Avelar. — O teu tio Abel, às vezes, cria porcos. E, se o Abílio for viver para lá, só tens de descer a rua e visitá-lo sempre que quiseres.

— Quanto dinheiro é que peço? — quis saber Flor.

— Bem, ele é fracote — disse o pai. — Diz ao teu tio que tens um porco e que o vendes por seis dólares. Vamos ver o que ele responde.

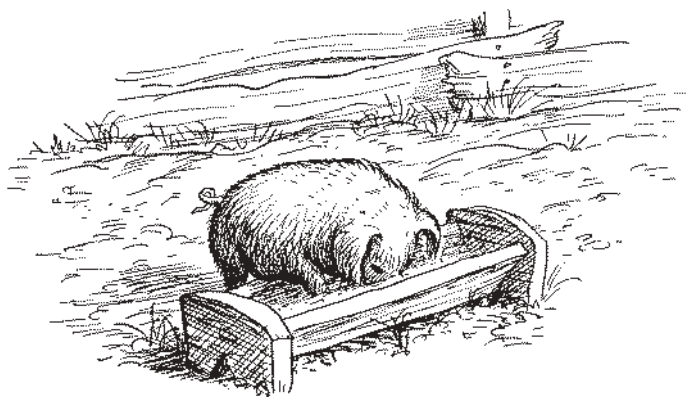
Num instante, trataram de tudo. Flor telefonou aos Zacarias e falou com a tia Edite, que gritou pelo nome do tio Abel, que veio do celeiro para falar ao telefone com Flor. Quando soube que o porco só custava seis dólares, quis comprá-lo. No dia seguinte, foram buscar Abílio à sua casa debaixo da macieira, para ir viver num monte de estrume, na parte de baixo do celeiro dos Zacarias.

III Fuga

O celeiro era muito grande e antigo. Cheirava a feno e a estrume. Cheirava ao suor dos cavalos exaustos e ao hálito adocicado das vacas pachorrentas. Havia ali um cheiro pacífico — como se nada de mau pudesse voltar a acontecer no mundo. Cheirava a cereais, a arreios de couro, a óleo de motor, a botas de borracha e a cordas novas. E, sempre que o gato recebia uma cabeça de peixe, o celeiro ficava a cheirar a peixe. Mas, principalmente, cheirava sempre ao feno guardado no sótão — e que era atirado, lá do alto, às vacas, às ovelhas e aos cavalos.

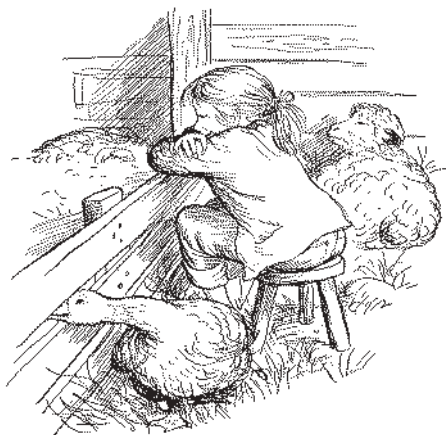
Durante o inverno, quando os animais passavam a maior parte do tempo fechados, o celeiro ficava confortavelmente aquecido. No verão, os portões mantinham-se abertos para deixar entrar a brisa e manter a frescura. No piso principal, situado na parte de cima, havia estábulos para os cavalos e cordas para prender as vacas. Em baixo, havia um redil para as ovelhas e uma pocilga para Abílio, além de todo o género de objetos que costumam existir num celeiro: escadas, baldes, ancinhos, foices, chaves-inglesas, pedras de amolar, cortadores de relva,

pás para a neve, cabos de machado, leiteiras de alumínio, sacos de cereais vazios e ratoeiras ferrugentas. Era o tipo de celeiro onde as andorinhas gostam de fazer os seus ninhos. E tudo aquilo era propriedade do tio de Flor, o Sr. Abel L. Zacarias.



A nova casa de Abílio ficava no piso inferior, mesmo por baixo das vacas. O Sr. Zacarias sabia que um monte de estrume era um bom lugar para se ter um porco em crescimento. Os porcos precisam de calor — e a cave do celeiro, virada a sul, era um lugar aquecido e confortável.

Quase todos os dias, Flor ia visitá-lo. Descobriu um velho banco de ordenhar que já não tinha uso e pô-lo no redil das ovelhas, ao lado da pocilga de Abílio. Sentava-se ali durante longas tardes, a pensar, enquanto olhava para Abílio e o ouvia.



As ovelhas, bem como a gansa que partilhava o mesmo espaço, depressa aprenderam a reconhecê-la. Como era tão sossegada e amável, todos os animais confiavam nela. Mas o Sr. Zacarias não a autorizava a levar Abílio lá para fora nem a entrar na pocilga. Só podia sentar-se no banco e olhar para ele o tempo que quisesse. Estar junto do porquinho deixava-a feliz, tal como ele ficava feliz só por saber que Flor estava ali, perto da pocilga. Mas nunca se divertiam — nada de passeios, nada de corridas, nada de mergulhos.

Numa tarde de junho, quando Abílio já tinha quase dois meses, resolveu aventurar-se no pequeno pátio exterior do celeiro. Flor não tinha aparecido para a visita habitual. Abílio deixou-se estar ao sol, sentindo-se sozinho e aborrecido.

Aqui nunca há nada para fazer, pensou. Lentamente, dirigiu-se até à comida e cheirou-a, para ver se alguma coisa tinha ficado esquecida desde o almoço. Descobriu uma pequena tira de casca de batata e comeu-a. Como tinha comichão no lombo, encostou-se à cerca e esfregou-se nas tábuas. Quando se fartou daquilo, voltou para dentro, trepou até ao topo da pilha de estrume e sentou-se lá em cima. Não lhe apetecia dormir, não lhe apetecia escavar, estava cansado de estar parado e estava cansado de estar deitado.

— Ainda não fiz dois meses e já estou farto de viver — suspirou, voltando a sair para o pátio. — Quando estou cá fora, só posso ir lá para dentro — continuou — e, quando estou lá dentro, só posso vir cá para fora.

— Aí é que tu te enganas, meu amigo — disse uma voz.

Abílio espreitou através da cerca e viu a gansa a olhar para ele.

— Não precisas de estar nesse pátio minissujo, minissujo, minissujo — disse a gansa, que falava muito depressa. — Uma das tábuas está solta. Empurra-a, empurra-empurra-empurra, e vem cá para fora.

— O quê? — disse Abílio. — Fala mais devagar!

— Correndo o risco-risco-risco de me repetir, sugiro que venhas cá para fora. Está uma maravilha!

— Disseste que uma das tábuas estava solta?

— Assim foi, assim foi — repetiu a gansa.

Abílio aproximou-se da cerca e viu que a gansa tinha razão. Baixou a cabeça, fechou os olhos e empurrou.

A tábua cedeu. Num instante, tinha-se esgueirado pela cerca e encontrava-se na relva alta, fora do pátio. A gansa soltou um risinho contente.

— Como é ser livre? — perguntou ela.

— É bom. Quer dizer, *acho* que é bom.

Na verdade, Abílio sentia-se estranho por estar do outro lado da cerca, sem nada entre ele e o vasto mundo.

— Aonde achas que devo ir?

— Aonde tu quiseres, aonde tu quiseres — respondeu a gansa. — Vai até ao pomar, arranca as plantas! Vai até à horta, tira os rabanetes! Arranca tudo! Come a relva! Procura milho! Procura aveia! Corre por todo o lado! Pula e dança, salta e pavoneia-te! Vai até ao pomar e passeia-te pelo bosque! O mundo é um lugar maravilhoso quando se tem a tua idade.

— Estou a ver que sim — concordou Abílio.

Deu um salto no ar, rodopiou, correu uns metros, parou, olhou em volta, sentiu os cheiros da tarde e logo se pôs a caminho do pomar. Ao fazer uma pausa junto à sombra de uma macieira, encostou o seu grande focinho ao solo e começou a empurrar, a revolver e a desenterrar. Sentia-se mesmo feliz. Já tinha tirado um grande pedaço de terra sem que ninguém tivesse reparado. A Sra. Zacarias foi a primeira a vê-lo da janela da cozinha e, num ápice, alertou os homens.

— Abel! O porco fugiu! Leonel! O porco fugiu! — gritou ela. — Abel! Leonel! O porco fugiu. Está debaixo da macieira.

Começaram os sarilhos, pensou Abílio. Agora é que vai ser.

A gansa escutou o alarido e também desatou a gritar:

— Corre-corre-corre colina abaixo, foge para o bosque-bosque-bosque! Eles nunca-nunca-nunca te vão encontrar no bosque.

O cão apercebeu-se da balbúrdia e saiu do celeiro a correr, para se juntar à perseguição. O Sr. Zacarias também ouviu e logo deixou a casa das máquinas, onde estava ocupado a consertar uma ferramenta. Leonel, o empregado, escutou a gritaria e abandonou o canteiro dos espargos, parando de arrancar ervas-daninhas. Todos foram ter com Abílio, e Abílio não sabia o que havia de fazer. O bosque parecia demasiado longe e, de qualquer modo, ele nunca lá estivera e não tinha a certeza de gostar.

— Leonel, dá a volta por trás e empurra-o para o celeiro! — disse o Sr. Zacarias. — Mas com calma, não o apresses! Entretanto, vou arranjar um balde de restos de comida.

A notícia da fuga de Abílio espalhou-se rapidamente entre os animais da quinta dos Zacarias. Sempre que algum se soltava, o acontecimento interessava a todos. A gansa avisou a vaca mais próxima de que Abílio se tinha libertado e, dali a nada, todas as vacas sabiam. Depois, uma das vacas contou às ovelhas e, num instante, todas as ovelhas estavam a par. Os cordeiros souberam-no pelas mães. Nos estábulos, os cavalos arrebitaram as orelhas quando ouviram a gansa gritar, e rapidamente todos

os cavalos perceberam o que estava a acontecer. «O Abílio fugiu», disseram. Todos os animais se arrepiaram e ficaram emocionados quando souberam que um dos seus companheiros se tinha libertado e já não estava preso ou confinado a um espaço.

Mas Abílio não sabia o que fazer nem para onde fugir. Parecia que toda a gente andava atrás dele. *Se é isto o que é ser livre, penso, prefiro estar preso no meu pátio.*

Enquanto o cão se aproximava de um lado, do outro vinha o empregado. O Sr. Zacarias preparava-se para o interceptar se ele fugisse para o jardim, e agora era a Sra. Zacarias que também vinha a caminho, transportando um balde. *Isto é horrível, pensou Abílio, começando a chorar. Porque é que a Flor não aparece?*



A gansa tomou conta da situação e começou a dar ordens.

— Não fiques aí parado, Abílio! — gritou ela. — Circula, circula! Dá umas voltas, corre para mim, esgueira-te para cá, salta para lá, cá-e-lá, cá-e-lá! Corre para o bosque! Vira-te!

O cão correu na direção das patas traseiras de Abílio, que deu um salto e fugiu. Leonel alcançou-o e deitou-lhe a mão. A Sra. Zacarias gritou a Leonel. A gansa incentivou Abílio, que circulou por entre as pernas de Leonel. Este falhou Abílio e, em vez dele, agarrou o cão.

— Muito bem! Muito bem! — gritou a gansa. — Outra vez! Outra vez!

— Corre pela colina abaixo! — recomendaram as vacas.

— Corre para junto de mim! — grasnou o ganso.

— Corre pela colina acima! — gritaram as ovelhas.

— Vira-te! — grasnou a gansa.

— Salta e dança! — disse o galo.



— Atenção ao Leonel! — gritaram as vacas.

— Atenção ao Zacarias! — gritou o ganso.

— Atenção ao cão! — gritaram as ovelhas.

— Ouve-me, ouve-me! — gritou a gansa.

O pobre Abílio estava zozzo e assustado com todo aquele chinfrim. Não gostava de estar no centro da confusão. Tentou seguir as recomendações dos amigos, mas era impossível correr pela colina abaixo e pela colina acima ao mesmo tempo, e não podia virar-se enquanto saltava e dançava. Chorava tanto que mal conseguia entender o que estava a acontecer. Afinal, era um porco pequeno — pouco mais pequeno do que um bebé, para dizer a verdade. Desejou que Flor estivesse ali para o segurar nos braços e tranquilizá-lo. Quando olhou para cima e viu o Sr. Zacarias mesmo ali ao pé, segurando um balde de restos de comida morna, sentiu-se aliviado. Levantou o focinho e cheirou. O aroma era delicioso: leite morno, cascas de batata, farelo, cereais *Kellogg's* e um bolinho que tinha sobrado do pequeno-almoço dos Zacarias.

— Anda, porquinho! — disse o Sr. Zacarias, batendo no balde da comida. — Anda, porquinho!

Abílio deu um passo na direção do balde.

— Não-não-não! — avisou a gansa. — É o velho truque do balde, Abílio. Não caias! Não caias! Ele está a tentar levar-te para o cativoiro-veiro. Está a seduzir-te pelo estômago.

Abílio não se importou. A comida tinha um cheiro delicioso. Deu mais um passo em direção ao balde.

— Porquinho, porquinho! — disse o Sr. Zacarias numa voz simpática, começando a dirigir-se devagar para o celeiro com um ar muito inocente, como se não soubesse que vinha um porquinho branco atrás dele.

— Vais arrepende-te-te-te — avisou a gansa.

Abílio não quis saber e continuou a seguir o balde.

— Vais ter saudades da tua liberdade — alertou a gansa. — Uma hora de liberdade vale bem mais do que um balde de restos.

Abílio não quis saber.

Quando o Sr. Zacarias chegou à pocilga, trepou a cerca e despejou os restos de comida numa manjedoura. Depois afastou a tábua que estava solta, para que Abílio pudesse passar à vontade pela abertura.

— Pensa bem, pensa bem! — gritou a gansa.

Abílio não prestou atenção. Atravessou a cerca em direção ao pátio e mergulhou o focinho na manjedoura, mastigando o bolinho e bebendo o leite avidamente. Era bom estar em casa outra vez.

Enquanto Abílio comia, Leonel foi buscar alguns pregos e um martelo, pondo a tábua no seu lugar.

Por fim, os dois homens encostaram-se calmamente à cerca e o Sr. Zacarias coçou o lombo de Abílio com um galho.

— É um bom porco — disse Leonel.

— Sim, vai crescer muito bem — acrescentou o Sr. Zacarias.

Abílio ouviu os elogios. Sentiu o leite morno no estômago. Sentiu o deslizar agradável do galho, para cá e para lá, tirando-lhe a comichão. Sentiu-se tranquilo, feliz e sonolento. Que cansativa tinha sido aquela tarde! Eram apenas 16 horas, mas Abílio estava pronto para dormir.

Ainda não tenho idade para enfrentar o mundo sozinho, pensou, ao deitar-se.

UM DOS MAIORES CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL,
LIDO POR MILHÕES EM TODO O MUNDO.
EMOCIONANTE E ABSOLUTAMENTE MÁGICO!

O porquinho Abílio é o mais fraco e mais pequeno da ninhada. Por isso, todos o põem de lado. Todos exceto Flor, um doce de menina, que decide cuidar dele.

Entretanto, Flor é obrigada a separar-se de Abílio e a levá-lo para a quinta dos tios. As constantes visitas de Flor alegram os dias do porquinho, que vai crescendo e vivendo uma vida pacata, pelo menos até descobrir que está prestes a ser servido como jantar de Natal! HorrORIZADO, Abílio tenta fugir, mas parece não ter como escapar.

Os lamentos do porquinho são ouvidos por Carlota, uma sábia aranha cinzenta, que se torna amiga de Abílio e decide ajudá-lo. Mensagens inspiradoras vão surgindo na teia da Carlota, e um verdadeiro milagre irá acontecer!

Repleto de personagens inesquecíveis, *A Teia de Carlota* é uma história intemporal sobre a amizade, o amor e a lealdade.

«Um livro encantador,
cheio de sabedoria.»

The New Yorker

«Uma história fantástica, bela
e delicada como uma teia.»

The Saturday Review



 livros que saltam à vista	ISBN 978-989-8839-51-0
20 20 editora	8+  9 789898 839510
	Leitura Infantil